

Dramaturgia
Latino-Americana
v.4

Em um
sol amarelo



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninó El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

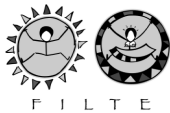
Alberto Brum Novaes

Suplentes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo



LUIS ALBERTO ALONSO
HÉCTOR BRIONES
CACILDA POVOAS
(Organizadores)

Dramaturgia
Latino-Americana
v.4

Em um
sol amarelo

de César Bier

Tradução: Consuelo Maldonado e Patrícia Leonardeli

EDUFBA
Salvador-BA
2010

©2010 *by* Organizadores
Direitos de edição cedidos à
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA
Feito o depósito legal

Projeto Gráfico
Rodrigo Schlabit

Revisão
Ana Lígia Leite e Aguiar

Editoração eletrônica e capa
Amanda Santana da Silva

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Bier, César.

Em um sol amarelo / César Bier ; tradução, Consuelo Maldonado e Patrícia Leonardeli. -
Salvador : EDUFBA, 2010.

67 p. - (Dramaturgia latino-americana / organizadores Luis Alberto Alonso, Héctor
Briones, Cacilda Povoas ; v. 4).

Obras publicadas juntas em sentido inverso.

Texto em português e espanhol.

ISBN 978-85-232-0706-9

1. Teatro argentino. 2. Teatro latino-americano. I. Alonso, Luis Alberto. II. Briones,
Héctor. III. Povoas, Cacilda. IV. Título. V. Série.

CDD - Ar862



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina,
40170-115 Salvador-BA
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

A Coleção

Com a publicação de *Em um sol amarelo*, texto que nasce da montagem homônima da companhia boliviana *Teatro de los Andes*, escrito pelo seu fundador e diretor, o argentino César Brie – o Festival Latino-Americano de Teatro da Bahia, em parceria com o Teatro Vila Velha e a EDUFBA, lança o quarto volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana*. Essa coleção vem preencher uma lacuna nas publicações de textos dramáticos no Brasil, onde a difusão da dramaturgia latino-americana contemporânea, principalmente dos anos 1990 em diante, tem sido escassa. Nesse sentido, a coletânea adquire uma importância fundamental por dar a conhecer outros formatos dramatúrgicos, os quais operam temas e experimentações formais que têm dado aos seus autores, e neste caso também ao grupo *Teatro de los Andes*, um reconhecimento de porte internacional.

Os textos escolhidos para esta coleção são frutos das vivências e inquietações pessoais, sociais e artísticas de seus dramaturgos, onde o contexto globalizado se deixa ver entremeadado com o local, com os seus efeitos culturais e políticos. Há, sobretudo, nos textos aqui selecionados, uma fusão do tema com a forma. As temáticas são pensadas e materializadas, na escrita dramatúrgica, em função de seus aspectos rítmicos, sonoros, intertextuais, entre outros. Trata-se de uma dramaturgia cujos autores se sabem artífices cênicos, sendo seus textos provocações que estimulam o jogo da cena na interação de seus diversos elementos: luz, som, espaço, corpo, entre outros. São textos que deixam intencionalmente lacunas ou aberturas que pedem um diálogo íntimo com o leitor. É justamente este tipo de dramaturgia que esta coleção se propõe a divulgar e o texto *Em um sol amarelo* constitui um instigante exemplo.

A coleção *Dramaturgia Latino-Americana* configura-se como uma significativa possibilidade de aproximação da dramaturgia contemporânea de nosso continente, tanto para estudantes de literatura e artes cênicas, como para outras áreas de estudo. Do mesmo modo, a coleção poderá ser um material valioso para artistas teatrais que queiram desenvolver sua prática cênica montando espetáculos a partir desses textos. Por esse motivo, optamos pelo formato de uma peça em cada exemplar, tornando o volume mais fácil de manusear na sala de ensaio, assim como optamos por uma edição bilíngue – português-espanhol – para que os leitores tenham acesso ao texto em sua língua nativa. Isso dá à coleção uma abrangência internacional, podendo ser de interesse também para investigadores, estudantes e artistas de qualquer localidade latino-americana.

O Quarto Volume

Para o quarto volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana* escolhemos *Em um sol amarelo*, texto escrito pelo dramaturgo, ator e diretor argentino César Brie. O texto foi criado para a montagem homônima, dirigida pelo mesmo Brie, com o grupo *Teatro de los Andes*. Este é um grupo fundado por ele em 1991, na Bolívia e é considerado um dos grupos mais emblemáticos da cena contemporânea desse país. Estreada em 2004, a montagem faz parte do repertório desse grupo e tem se apresentado em diversos festivais internacionais (Brasil, Argentina, México, Espanha, França, entre outros). *Em um sol amarelo* trata das consequências desastrosas de um terremoto que ocorreu em 1998 em algumas localidades rurais da Bolívia. O texto surge, de fato, a partir de diversos depoimentos reais que os atores recolheram de sobreviventes ao terremoto.

Isso dá, à textura da obra, um tom documental e ao mesmo tempo intimista, pela singularidade dolorosa dos depoimentos expostos em forma de dramaturgia. Há outra fonte no texto – o informe gerado pela Delegação Presidencial de Anticorrupção – que delata como uma grande parte da ajuda internacional que o país recebeu na época foi desviada por políticos por meio de uma extensa rede de corrupção. Essa fonte é utilizada no texto em forma de paródia, com um ácido humor.

Além de *Em um sol amarelo* são publicados aqui outros dois escritos de Brie: *Memórias de um Tremor* e *Nota ao Texto*, onde o autor explicita o processamento poético e dramatúrgico de suas fontes. Processamento dado, entre outros recursos, na utilização do verso livre e na sonoridade produzida ao alternar o espanhol com trechos em língua indígena da região, o quéchua. No caso desta tradução, a sonoridade alterna o quéchua com o português. O intimismo e a paródia política são tratados no texto em duas partes independentes: *Tragédia* e *Burla*, contudo, o tom cru do texto documental se faz sentir em ambas, outorgando densidade poética à obra. Há nela uma constante tensão que expõe o radical abandono social provocado pela incompetência política. Vale sugerir que se trata de um teatro político, longe do panfletário, e que o mostra publicamente, a partir de uma sensibilidade artística impactada pela realidade social, na qual se insere como testemunho perplexo.

Salvador, 11 de julho de 2010.

*Cacilda Povoas, Luis Alberto Allonso e Héctor Briones
Os organizadores*

Em um sol amarelo

de César Bier

Tradução: Consuelo Maldonado e Patrícia Leonardeli

Memórias de um tremor

Na noite do dia 22 de maio de 1998 houve um terremoto na Bolívia.

As cidades de Aiquile, Totora, Mizque, as comunidades campesinas de Antakawa, Loma Larga, Chijmuri, Hoyadas, Chakamayu e tantas outras foram atingidas pelo sismo: casas destruídas, outras danificadas de forma irreparável, centenas de feridos, dezenas de mortos.

A comunidade internacional enviou todo tipo de ajuda: desde mantas até dinheiro, geradores, barracas, alimentos, roupas, muletas. Calcula-se em quase 30 milhões de dólares o montante total da ajuda.

O governo da Bolívia, através da Defesa Civil, ligada ao Ministério da Defesa e dirigida pelo exército, organizou a distribuição da ajuda e a reconstrução.

Em pouco tempo começaram a circular vozes que se transformaram em clamores sobre o roubo das ajudas, desvio dos fundos, abusos de poder. Viajamos para Aiquile, Totora e para as comunidades campesinas. Recolhemos testemunhos surpreendentes, dramáticos, indignados, desesperados. A Delegação Presidencial Anticorrupção também nos entregou suas investigações sobre o terremoto. Estudamos a gênese e a dinâmica dos sismos, seus aspectos geológicos. Lemos testemunhos e histórias de outros sismos.

Parece que em cada terremoto convivem o desprendimento e o egoísmo. A mesquinharia e a solidariedade. Os abusos e os roubos, sobretudo por parte das autoridades, foram uma constante nos sismos da América Latina.

Nossa obra consta de dois atos que poderiam ser independentes. Como dois movimentos musicais.

O primeiro ato, A Tragédia, trata do terremoto em si. A força fortuita e indiferente que destrói, em segundos, cidades, vidas, famílias.

O segundo ato, *A Burla*, trata da vida cotidiana depois do tremor e da corrupção.

Um terremoto deixa de ser notícia no momento em que os que o sofreram começam a superar a tragédia. Quando desligam as câmeras e os jornalistas retiram-se, os sobreviventes começam a conhecer o terremoto, a conviver dia a dia com o que foi destruído, a reconstruir.

Indagamos sobre a dinâmica e forma de uma catástrofe, sobre os pequenos e azeitados mecanismos do exercício do mal, da estupidez e da indiferença. Acreditamos que estes elementos sejam universais, para além do nome próprio de quem os encarne. Por isso, não os nomeamos em nossa peça. Teríamos transformado a obra em um livro branco de denúncia ou uma espécie de novela russa repleta de nomes que ninguém poderia lembrar.

Mas em folha à parte, junto ao programa da peça, damos conta de cada fato de corrupção, de cada responsável do estado, de cada processo, dos delitos cometidos, dos castigos infligidos e da impunidade possível. Nossa peça é um fato artístico e estas páginas são um dever cívico. Vão juntas.

Queremos agradecer, por último, aos habitantes de Aiquile, Totora, Mizque, aos moradores de Antakawa, Loma Larga, Chijmuri, Hoyadas, Chakamayu. Esperamos que este trabalho esteja à altura da sinceridade dessas pessoas e não decepcione seus testemunhos desinteressados e desesperados. Esperamos, com esta peça, contribuir para o combate da cleptocracia¹ que, através de partidos políticos e instituições, sangraram e empobreceram o país.

Só por meio da restituição dos direitos fundamentais (eliminação da miséria, justiça, transparência) nossa democracia deixará de ser uma burla e poderá se chamar, sem sarcasmo, democracia.

César Brie

¹ Neologismo criado a partir da junção de cleptomania e burocracia.

EM UM SOL AMARELO

César Brie

Tradução: Consuelo Maldonado e Patrícia Leonardeli

PRIMEIRO ATO: A TRAGÉDIA

Cena 1:

NÃO NOS PERGUNTE MAIS

Todos os atores estão imóveis. Como numa foto. Quem está sentado fala:

HOMEM

Não nos pergunte mais...

não queremos nos lembrar. Já tirou suas boas fotos. Já fez sua reportagem.

Para que continuar falando?

Terremoto é terremoto. A quem devemos culpar? Ao destino, à desgraça, ao governo, à falta de

sorte? Se aconteceu com você, aconteceu². E a festa?... A festa continua pros outros. Vamos dançar, dançar que nos salvamos! Os mortos são do vizinho, a desgraça de outro povoado! Aqui não aconteceu nada! Não me faça lembrar, imploro. Porque se começo a falar, quem poderia me parar depois? Não basta um pano na testa. Não. Esta febre não se apaga. Por que quer que eu lembre? Escavar as feridas. Colocar sal na carne viva. Não, deixe que vou esquecendo. Os mortos estão embaixo, nós estamos em cima, queremos continuar respirando. Não se vive de lembranças, temos que varrer as tristezas. Sabe? Só uma coisa me corrói. Os ladrões, os que deviam nos proteger, enrolaram a gente. Isso não posso me esquecer. Até muletas roubaram... Por que... pode me dizer por quê? O que fizemos com eles? Se votamos neles nas últimas eleições... “honoráveis, honoráveis” ...

² No texto original ‘Al que le toca, le toca’. Expressão coloquial que faz referência à atitude de resignação diante da morte.

Ai,³ se um deles cruza meu caminho.
Ai, se encontro ele sozinho, sem
seus gorilas, desarmado... Seu coração eu
vou comer, com mordidas despedaçado...
O terremoto... Quer saber como
foi? Tem certeza? Tem certeza?...

*Os objetos estouram e voam. Quem estava sentado fica nu,
em pé e se lamenta.*

HOMEM (*Canto*)

Ai meu Deus, por que pra mim este castigo?
Dormindo está a minha filha
Dormindo morrerá
Ajude, desenterre minha filha
Tirem minha filha. Caralho, me ajudem!
Sozinha está, sozinha morrerá.

JORNALISTA

Como se chama?

HOMEM

Aurelio Ugalde Torrico.

JORNALISTA

O que aconteceu?

Me conte.

HOMEM

³ No texto original “guay”, interjeição/exclamação que vem do som do lamento.

O primeiro foi rápido. O
segundo derrubou as paredes de casa.
Tudo desabou. Minha filha e
minha neta devem estar soterradas ali.
O meu neto tiramos depois do
segundo tremor. Pra fora. Apenas.

JORNALISTA

Vivo?

HOMEM

Vivo.

JORNALISTA

O senhor ainda tem duas pessoas
soterradas?

HOMEM

Sim. Duas pessoas. Minha filha
e minha neta de dez anos... ou nove.

JORNALISTA

Sinto muito, senhor, temos que
ser fortes. *(Dá umas palmadinhas e vai embora)*

HOMEM

Outra coisa, gostaria... se
pudessem me ajudar a tirar os

escombros... senhor jornalista... *(Fica sozinho)*

Cena 2:

O TERREMOTO NAS COMUNIDADES

CAMPONÊS 1

Os cachorros uivaram.

De baixo pra cima, o chão
se moveu. Acima da casa
também, como as águias,
os condores “flap flap”⁴ sentimos.
A porta se mexeu, “o gato,
deve ser, entrou”, eu disse...

MULHER

Supuaychu, ah.⁵

CAMPONÊS 1

“Deve ser um demônio”
minha mulher respondeu,

“não é demônio, deve ser
tigre”, me levantei, como

⁴ No texto original “lapaj lapaj”, onomatopéia de asas batendo.

⁵ Quéchuá, língua indígena da América do Sul, ainda hoje falada por cerca de dez milhões de pessoas na zona ocidental do continente.

um bêbado caí de bunda no
chão, olhei pro teto, para um lado, para
outro lado se batia... um tijolo me
acertou na cabeça, eu
desmaiei, quando acordei
vi o céu... as estrelas
brilhavam, estava dentro da minha casa
mas a casa não estava lá, então me
pus a pensar, grave
estava, tonto, não estava como eu
sou, estava coberto de terra... do meu
lado o catre esmagado... queria
levantar o tijolo, não conseguia... as
mãos não respondiam...

CAMPONESA 1

Meu filhinho me acordou:

“Mãinha, mãinha a casa
está caindo”.... “Vamos morrer
o que acontecerá”, eu disse... a porta
quis abrir, todo o peso
tinha assentado, enfim... tudo era
escuro... daqui, pra lá, daqui, pra lá nos
levava... me agarrei numa
viga, junto com a viga me batia, não
conseguia encontrar a porta, o
movimento nos girava, debaixo
do catre aparecia... minha filhinha maior

abraçava minha wawa⁶ recém-nascida,
jogada para um lado, para outro lado
jogada, e continuava abraçando a
wawita, não conseguíamos ficar em pé,
colocamos minha filhinha no chão,
nos fazia bater contra as paredes,
nos fazia cair debaixo da mesa,
“por onde vamos sair, pai, nem
janelas tem nossa casa”, eu
disse, pedaços de teto já tinham
caído... foi meu filhinho quem
chegou na porta, meu marido e meus
filhos se amontoaram, com toda
sua força empurraram, eles
abriram... saíram... eu não
quis sair, fiquei deitada
porque estava recém parida, “e
agora o que vou fazer”, assim eu
amanheci. Com as primeiras luzes
saí, ao chegar lá fora, escutei o
ruído, me virei, a casa
tinha caído...

CAMPONÊS 1

Teve um grave
alvorço, os mundos grave

⁶ Palavra de origem quéchua de uso coloquial nas culturas andinas da América Latina. ‘Wawa’ é usada para fazer referência tanto a crianças do sexo masculino quanto do sexo feminino.

soaram⁷.. kukukukukukun, assim vinham
de debaixo da terra. Tremor deve ser,
pensei, tremor, tremor deve
acontecer sempre de vez em quando...
onde gritavam, pulávamos para
ajudar... caminhava por cima dos
tijolos me guiando pelos gritos,
em cima das pessoas soterradas
eu caminhava... levantávamos os tijolos
nos guiando pelo som dos que
gritavam, uma mulher, seu filhinho, uma
vovozinha, estavam debaixo... feridos
tiramos os trêz, a vovozinha
tinha paus e cimento em cima dela, seus joelhos
estavam abertos, uma senhora com sua mão
quebrada e a wawita sua cinturinha
havia estragado, suas costas quebradas, sua
mão destroçada...
A vovozinha em um pullu⁸ a
levamos pra cima da colina, todos
seus dentes ela perdeu....

CAMPONÊS 2

Os animaizinhos deviam
saber que ia ter terremoto

⁷ No original: "Ha habido grave alboroto, los mundos grave han sonado", construção gramatical da língua espanhola usada comumente por falantes de língua quéchua.

⁸ Palavra em língua quéchua que significa manta, geralmente usada pelos indígenas como um xale.

porque um dia antes uivavam grave os
cachorros, os pássaros voavam
enlouquecidos, os burros guinchavam,
as vacas choravam, era uma grave gritaria.
Quando ia se mover, primeiro
os cachorros choravam. Eram como um
alarme os cachorros. Primeiro choravam
e depois a terra se movia.

CAMPONÊS 3

Fomos onde estavam
os catequizadores, perto da igreja.
E os catequizadores nos disseram:
“têm que se saber rezar, o sol
vai escurecer, o mundo vai
tremar, a lua vai apagar, as
estrelas vão cair” por nossa
culpa ia acontecer tudo isso, porque
a palavra de Deus não estávamos
falando.
Tínhamos pensado nos ladrões,
nos tigres, mas no Senhor nessa
hora não pensamos.
Nos cachorros, nos gatos
pensamos, mas de Jesus nos
esquecemos.

CAMPONÊS 2

“Lockor, lockor”

falou... o ruído “bururum”, ui⁹,
grave soaram os mundos...
como se viesse do fundo da
terra “chchrrrrr” como um vento
forte soava, se foi, “já se
acabou” dissemos... voltou
mais forte, “k’hrron, k’hrron” esperneava.
O ruído nos fazia perder a
cabeça, o pensamento... e no
alto das colinas, “pum, pum,
pum” soava, “o que será isso?”
dissemos. “Chulhur chulur, Gur
gur, gur”, eu sentia debaixo dos meus
pés, “k’hollchs khrr’ollchs” clarinho
soava como se estivesse passando
um rio... “agorinha vai nos engolir”...
eu dizia, aqui embaixo sentia como se
chocavam as pedras e caíam na
água, pensava que já era o dia do juízo,
“aqui vai terminar nossa
vida”, e aí nos pusemos
todos a chorar como bobos.

CAMPONESA 2

Nós saímos à
noite, engatinhando, as casas tinham

⁹ No original “uta”, expressão coloquial da América Andina que significa surpresa.

caído, tudo era um pampa...
quando caminhávamos, nos
jogava longe, “iremos juntos” falamos,
não conseguíamos nem nos agarrar
pelas mãos, como quando a água
corre, assim se mexia o chão, como ondas
a terra fazia, aparecíamos mais longe,
as ondas nos carregavam...
era como estar numa canoa, não se
podia parar nem tampouco engatinhar,
como bêbados... das encostas
saía fumaça, o sopé das colinas
foram derrubados, as árvores
destroçadas. Não se podia ir a nenhum
lugar, na terra não dava para
pisar, nós entramos numa
covinha, as pedras caíam, elas
passavam ao lado, maiores que
uma casa, depois começou o
pranto, nervos graves, eu estava
assustada, minhas mãos tremiam,
meu corpo tremia... por toda
essa noite a terra tremeu.

CAMPONÊS 3

No dia seguinte
fomos para o pico das colinas...
Ficamos lá uma semana, os

pensamentos eram diferentes, como em um sol amarelo estávamos, não tínhamos vontade nem de agarrar a comida, tínhamos deixado tudo, os nossos animaizinhos, nossas colheitas, aqui já não era como antes, não pensávamos mais em poder existir, porque continuava tremendo. Na colina ficou uma marca, uma onda de 200 metros de largura, tudo tinha desfeito. A terra levantou as árvores, jogou contra as rochas, pedras enormes caíram nos penhascos... tudo revirado. Eu vi essas ondas, como um caminho era... as rochas que encontrava, como uma flor arrebentava, pedras grandes como casas foram levantadas, partidas, jogadas. Era para se assustar, todas as pessoas se perderam, foram embora daqui, se morrêssemos neste lugar, ninguém se daria conta, ninguém nos veria, silêncio total, tristeza total.

ATOR

Entrevistamos os camponeses para fazer esta peça, um senhor

contou o que tinha acontecido nessa
noite, e à medida que contava era
como se estivesse se carregando, estava
sentado numa tábua, mas...
era como se avançasse, se aproximasse de
mim... essa energia que desprendia de
seu corpo, seus olhos somente eu via...
com seu pijcho¹⁰ na boca... suas mãos,
lembro das suas mãos, que
se moviam, como que transpirava o
senhor... como que vibrava ele.
Saía essa carga que tinha, toda essa
angústia que levava por dentro, como
quando alguém está raivoso com algo...
Raiva contida de tanto tempo.
Sua wawita... uma viga caiu sobre ela
quando ele a abraçava. Nos seus
braços morreu. Ele a tinha
abraçada e o sangue da sua cria
lhe molhava os braços e pernas.
Não acordou, nem sequer
chorou quando morreu.

CAMPESINO 4

Wawitay marqaiپی kasharqa
Dintel patamanta urmanpan
Wawitayta wañuchin

¹⁰ Substância que se forma dentro da boca ao mastigar a coca.

Ñoqaypata wawitayta
Rikuni puñullaspapuni kasharqa
Ni errr nin puñullaspapuni wañuchin
Yawar llojsin pechoymanta
Payllamanta kaska llawarnin
Chakiman chayan
K'epipi apani cerro punta ladoman
Chaypi tablítasmanta ruani cajonsituta
Chaypi puñuchini wawitayta
Ñoqaypata wawitay

(Nos meus braços estava minha wawita
A viga de cima caiu
Matou a minha filha de mim.
Vi que continuava dormindo
Não disse nem ai
Dormindo e nada mais assim foi morta
O sangue saiu por meu peito
Dela apenas tinha sido o sangue,
Desceu até meus pés.
Coloquei minha filha no aguayo¹¹
E até o alto da colina a levei.
De umas tabuinhas fiz um caixãozinho
E ali coloquei a minha filha para dormir,
Minha filhinha de mim).

¹¹ Em língua quéchua significa literalmente fraude. Neste caso, trata-se da manta usada para carregar os bebês.

CAMPONÊS 3

A terra continuava a se mover,
tínhamos medo, pensei:
“Talvez a terra vá virar,
vamos entrar, talvez todos
juntos vamos entrar dentro da terra” ...
Na nossa comunidade morreram
oito pessoas, quase toda a minha família.
Quatro wawas com seus pais.
Reunimos os mortos, fizemos
o velório... o padre doou
caixões, mas não tinha para as
wawas. No mesmo caixão dos
pais colocamos as wawas... apertados
estavam, nem sequer mortos
puderam descansar em paz...

Cena 3: Os antecedentes

ATOR 1

O dia em que aconteceu o tremor,
muitos o tinham anunciado.

ATRIZ

Disseram: “O domingo
17”, mas o terremoto foi na madrugada

do 24, cinco dias se atrasou.
De onde tiraram isso?
Quem fez correr o boato?

ATOR 2

Um adivinho leu na
folha de coca, “vai haver terremoto, viu.”

ATRIZ

“Pai, vai haver um tremor,
a professora disse”...

ATOR 3

Isso não dá para saber.
São boatos, filha...

ATRIZ

Mas disseram que no dia 18
vai haver um terremoto...

ATOR 3

Ai, filhinha, que ignorantes,
são invenções,
desde quando se pode prever
esse tipo de desgraças?

ATOR 1

“Dizem que vai ter”,

começaram a dizer
nas feiras no interior.

ATOR 2:

Quem são eles, estudantes,
astrólogos, como vão saber?...

ATOR 1

Ninguém lhe deu importância.
Começaram os tremores.

ATOR 2

Este foi mais forte.

ATRIZ

Não, o de ontem.

ATOR 3

O da quinta foi o pior.

ATOR 1

Depois de comentar
enquanto anoitecia,
todos para nossas casas.
Se tivéssemos sabido,
teríamos ido para
lugares mais seguros.
Mas ninguém conhecia

o que era um terremoto;
só tínhamos sentido
pequenas sacudidas.

Eu nasci aqui
e nunca ninguém nos disse:
“senhores, o terremoto é assim”.
Sim, as pessoas comentavam,
mas o que poderiam saber?...
ninguém
nunca veio aqui
do centro de sismologia.
Em 48 teve um sismo,
eu estava aqui, era jovem.
Casas ficaram estragadas
e o êxodo foi grande.
Muita gente foi pro vale...

ATOR 3

Depois do terremoto
do ano de quarenta e oito
estiveram em Aiquile
geólogos alemães.

GEÓLOGO

Por baixo de Aiquile há um
rio, 60 km de profundidade, vem
do Sipe Sipe.

ATOR 1

Sipe Sipe? Lembram do
bolero? (*Música.*¹² *Escutam.*)

ATOR 3

Não é bolero, é funeral.

GEÓLOGO

É bolero pelos mortos
do tremor de Sipe Sipe.
Foi totalmente destruída.

ATRIZ

Eu não sabia nada.

GEÓLOGO

Para saber basta estudar.
Potosí: 57, La Paz: 58; 96,
em Warnes, que foi afetada
e Samaipata e Tarija, pequenininho.
Todos continuaram dormindo.
Mas nós não. Não dormimos.
Com um olho dormimos,
com o outro controlamos.
O terremoto de Aiquile, o de agora,
foi de seis ponto oito graus.

¹² Sipe Sipe, bolero de cavalaria, que acompanhava os combatentes bolivianos à guerra do Chaco e que hoje acompanha enterros em bairros populares.

ATRIZ

Seis ponto oito graus?

GEÓLOGO

Não interrompa, por favor.

Graus na escala de Richter.

Mede a intensidade do sismo.

E aumenta de dez em dez.

O grau quatro é dez vezes

mais forte do que o grau três;

o grau cinco dez vezes

mais que o quatro; o grau seis

dez vezes mais do que o cinco.

O sete...

CORO

Dez vezes mais do que o seis.

GEÓLOGO:

Uhu.

E o foco foi a trinta e cinco

quilômetros de Aiquile.

ATOR 1

Sentido Sucre ou Cochabamba?

GEÓLOGO:

Foco, eu disse, não epicentro.

O foco está por baixo.
O epicentro é em cima
em linha perpendicular,
onde se sente mais forte.
Trinta e cinco quilômetros
por baixo da terra.
Lá estava o foco,
muito pouca profundidade,
por isso afetou vocês.
Em 48 advertimos.
“Vai haver outro”.
“Vinte anos” dissemos.
Mas atrasou outros vinte.
Típico deste país.
“A terra vai se assentar”,
advertimos... Se assentou.
Em Chujllas, entre Totorá e Aiquile,
afundou três metros.
“Vai ficar tudo mais seco,
com o movimento sísmico
vão baixar as águas”.
Assim aconteceu.
As casas em 48
estavam bastante estragadas.
Não podiam ser habitadas.
Tampouco o templo de Aiquile,
também estava estragado.
Mas quem nos escutou?

ATRIZ

Michiel, um holandês
que trabalhava em Aiquile, conta...

MICHIEL

Nos sentimos vencidos
e com muita raiva, medo,
confusão, culpa...
uma mistura de sensações;
por um lado, nos recuperamos
e, por outro lado, a perda.
Raiva porque o que aconteceu
não teria sido tão ruim
se as autoridades
tivessem nos informado
dos sismos anteriores.
Raiva, porque por negligência
perderam-se tantas vidas
na noite de 22 de maio,
porque no final
já haviam declarado
as casas inabitáveis
e ninguém nos avisou.

GEÓLOGO

Na Bolívia, a cada ano
acontecem desastres naturais.
Alguns de rápido impacto:

tremores, inundações,
geadas, deslizamentos
e outros lentos, mas graves:
as secas, por exemplo.
E ainda tem coisas piores.
Os desastres provocados,
por ignorância, cobiça.
Ou por descumprimento
das regras de segurança.

ATOR 1

Os tubos de petróleo
da multinacional Transredes
estouraram em Oruro.
Zonas imensas ficaram
infectadas de petróleo.

ATOR 2

Para cultivar a soja
corta-se indiscriminadamente
as árvores, as florestas.
O que era bosque é deserto,
e ninguém levanta a voz.

ATRIZ

O dique de contenção
da mina de Porco,
muito perto de Potosí,

quebrou, se partiu em dois
e milhares de toneladas
de minerais pesados
envenenaram o rio.

O Pilcomayo está morto,
quatrocentos quilômetros
de águas envenenadas.

Mas o dono dessa mina
foi presidente duas vezes.

Eleito pelo povo.

*Colocaram em um vaso de vidro cheio de água, óleo
queimado de motor.*

ATOR 2

E as outras trinta e nove
empresas de mineração,
nem sequer têm dique.
Descarregam tudo no rio.

Mistura o óleo com a água. Música do funeral.

ATOR

Então... o terremoto,
seria possível saber?
Teria sido possível prever
e evitar o sofrimento?
Mas como?
Morando em outras casas
que resistissem a tremores?
Fazendo cursos no povoado?

Quem sabia e esqueceu?
Para quem isso passou despercebido?
Tem uma falha aqui embaixo.
Quem pode nos dizer se é ativa?
O geólogo alemão
que nós inventamos?

ATOR 1

Senhores, nessas terras
estamos abandonados.
Em Aiquile, escreveram
em uma parede do povoado.

O geólogo faz girar a mesa suspensa onde está escrito:

“O ruim de Deus é que ele vive nas nuvens.”

*Fica o funeral e duas luzes que iluminam a mesa que gira
e o recipiente cheio de água e azeite.*

Cena 4:
O holandês

MICHIEL

Eu era feliz aqui,
conhecia muita gente
do povoado, comunidades.
Morávamos faz três anos
com Katrina e nossas filhas,

Camila e Eva Natália.
Nossa casa:
grandes portas para rua,
o quintal cheio de plantas
e a varanda com vista pro povoado.
No dia 21 de maio:
um dia tranquilo e normal...
fui pegar Camila.
Tinha tomado sua sopa,
sem fazer birra, coisa rara.
Voltando para casa contava
que tinha brincado o dia inteiro,
que suas amigas a amavam
e que ela gostava delas também.
Depois comemos panquecas.
Às oito, eu senti
um movimento pequeno,
mas não me preocupei.
Mais tarde fui comprar pão.
E ali escutei uma mulher.

MULHER

Ou será que são os sinais
do terremoto anunciado
para o fim do século em Sucre?

MICHIEL

Voltei pra casa preocupado.
“Katrina, talvez devêssemos

mudar de casa se for verdade
que pode haver um terremoto”.

KATRINA

Olhei pro teto,
umas semanas depois
sairíamos de viagem.
Por um segundo pensei:
quando voltarmos,
encontraremos a casa?

MICHIEL

Cedo demos um banho na Evita.
Colocamos as crianças para dormir.
Pouco depois nós
também fomos dormir.

Os dois acordam sobressaltados.

KATRINA

Michiel,
tem um barulho muito estranho.
Como se o teto tremesse.
As crianças, temos que buscá-las...

MICHIEL

Tinha algo... dava medo...
era uma força maior,
como um vento espesso
que rondava a casa.

Corri pro quarto das meninas...
ao chegar ao dormitório
a terra se levantou
e senti que era o fim,
algo terrível estava acontecendo.
Com um grito entrei no quarto
e caí de bruços no chão
e senti nesse instante
como se me colocassem
um caçamba de terra por cima...

Estava imobilizado.
Só podia mover
três dedos da minha mão esquerda.
Estávamos soterrados,
toda essa enorme casa
com paredes gigantescas
tinha desabado...
o fim tinha chegado para mim,
para as crianças e para minha esposa,
talvez fosse o fim do mundo.
Não sabia se as meninas
que estavam a poucos metros
sequer tinham despertado.
A cabeça apertada,
o ar cheio de pó
pensava que tudo ia acabar.
Estava enterrado vivo
e me preparei para morrer.

Gritava pedindo auxílio.
Gritava todos os nomes
das minhas filhas, de Katrina...
Cantava canções para Evita...
E rezava. E me sentia
com forças para morrer,
porque o meu final tinha chegado
em meio à plena felicidade.

Mesmo assim eu queria
agradecer a alguém ou algo,
não queria morrer
amaldiçoando a vida
pela forma desgraçada
com a qual chegava ao final.
Queria que me encontrassem
pelo menos com um sorriso.
Eu tinha quase trinta anos
e haviam valido a pena.

Achava que em Cochabamba
ou em Sucre acontecia o mesmo...
ou talvez em todo o mundo.

Mas passava o tempo,
aconteciam novas sacudidas,
aumentava a pressão
na minha cabeça e no meu pescoço...
minha pernas doíam muito,

não conseguia respirar...
mas continuava vivo
e não perdia a consciência,
isso me permitia pensar.
Pensava, rezava, pedia
que não tivesse tanto escombros
sobre minha mulher, minhas filhas,
que pudessem se salvar.

Num desses momentos
me veio um nome: Alexandre,
o filho do qual Katrina
estava grávida...
gritava o nome esperando
que ela conseguisse escutar
e pudessem se salvar.

Nessas horas estive
mais só que em toda minha vida.
Depois, era um silêncio total.
Nunca mais dirá nada
a quem você ama, nunca mais
fará algo pelos outros.
Continuava passando o tempo
e eu ainda não tinha morrido...
então pensava “é um sinal,
lutar para sobreviver”,
e movia os 3 dedos,

mas nada... apesar
da força que fazia
meu corpo não se movia.

Muito mais tarde ouvi passos... gente
em cima,
mas não podia saber
se era perto ou longe...
gritava quanto podia
mas nada indicava que
me ouvissem ou procurassem.
Quantas pessoas – pensava,
teriam ouvido soterrados,
as equipes de resgate
mas mesmo assim teriam morrido
e, de repente... me escutaram.

Depois, no hospital,
a família da minha esposa
me disse: “Katrina está bem”.
Não perguntei pelas meninas
porque não tinha esperanças
de voltar vê-las vivas.
Só depois mais tarde
pude encontrar Katrina
e então nos contaram
que tinham encontrado os corpos
de Eva Nathália e Camila.
Ainda não entendia

o sentido da morte
e não tinha lembranças
do que era nossa vida...
parece que a tristeza
está amarrada às lembranças.
A tristeza e as lembranças
chegaram dias depois...

Parece difícil acreditar
mas no ano seguinte
houve momentos mais duros
do que os que passei soterrado:
a vida pode ser tão cruel
que te deixa como pais
de filhas que já não estão.

Ao sair do hospital,
aprendi a caminhar...
um segundo nascimento.
Era como um crescimento
e o afeto e o amor
de parentes e amigos
nos trouxeram à vida,
a ajuda para superar
os momentos de dor,
tão profundo, tão injusto.

KATRINA

E, finalmente, o amor

e de novo a esperança
por nosso lindo e sadio filho.
Martín Alexander nasceu
seis meses depois do tremor.

Cena 5:

QUANTO DURA UM TREMOR DE TERRA

Quadro 1

*Dois homens com guarda-pó jogam vestidos sobre o homem
que fala.*

HOMEM

Impossível ficar em pé, já
fiquei bêbado, mas este é
outro tipo de movimento, é aterrador,
no avião você se segura no vizinho,
no ônibus no espaldar, aqui
você quer pegar um poste, mas ele
também está se movendo... os fios
faiscaram, depois tudo ficou
escuro, era uma neblina de pó
das casas caídas, ouvi um sino
e pensei “alguém morreu”... logo
me dei conta de que os sinos
tinham caído... nós quisemos ajudar,

tinha pessoas agonizando, os feridos
davam seus últimos suspiros
perguntando “O que aconteceu com
meu pai, com meus filhos?” ... aqui na
rua Bolívar, duas meninas, sua mãe
não estava, às três, quatro da
manhã gritavam desesperadamente...
arriscamos... entramos...
continuávamos escutando
os alaridos, os gritos das duas
crianças aproximadamente de
doze, dez anos... duas irmãs...
quando terminamos de entrar parou
o choro... já tinham sido sepultadas...
não conseguimos tirá-las,
por questão de segundos...
Eu vi tudo... na frente do hospital
estavam os meninos, envolvidos em
trapos, mortos... levaram um amigo...
jorrava sangue... falei para seu
irmão “merda, vai morrer”... e
outro amigo, nesse instante, faleceu,
seu irmão, desesperado,
chutava a parede...
Ao amanhecer eu falei “pelo menos
uma ou duas pessoas vivas vamos
desenterrar” e fomos procurar...
de uma casa derrubada
tiramos dois sobreviventes, ela era

de Potosí e o outro era um holandês,
faziam trabalho social em
Aiquile... a esposa se protegeu
em posição fetal, ouvíamos apenas
seus gritos e vimos sua bunda
mais nada... como cachorros
escavamos a terra... tinha uma
parede de seis metros que se movia,
oscilava, temíamos que ela caísse...
com um cobertor a tiramos, “por favor
salvem o meu esposo, ainda está
vivo”, disse e o seu esposo
tiramos às nove, nove e...
pouco...
e a senhora do Freddy, às 10...
já estava morta... estava esperando
neném...

O levam como se fosse um objeto.

Quadro 2

*Um homem mexe nos vestidos caídos. Aproxima-se uma
mulher e observa.*

HOMEM 2

É este?

MULHER

Não.

HOMEM 2

Será este?

MULHER

Também não.

NARRADOR 1 (*Ao público*)

Um terremoto não é um instante.

Em um instante cai tudo, perde-se

tudo, os destinos misturam-se,

cruzam-se, desfazem-se, num instante.

Mas o terremoto continua nos dias

seguintes.

Tem que sobreviver, superar o
luto.

A emergência vira rotina.

Inicia o êxodo. Os que vão embora
pra nunca voltar.

Os que não conseguem sair.

Os que se foram de algum modo,
mesmo tendo ficado.

NARRADOR 2

Tem que ser derrubado o

que ficou em pé e é perigoso.

Tem que ser reconstruído o que caiu.

Tem que ser recuperado o que veio abaixo.

Tem que se consolar, aceitar a
ideia.

O tremor de terra é um instante, mas o

terremoto continua.

Continua por meses, dura anos.

Uma mulher e um homem escavam nos objetos.

MULHER

Me ajudem, por favor.

HOMEM

Toda ajuda tem preço.

MULHER

Senhor, eu perdi minha casa.

HOMEM

Eu também perdi tudo.

MULHER

Vão chegar os caminhões
para levantar os escombros
vão destruir tudo
o que se poderia salvar.

HOMEM

Vamos fazer metade e metade.
De tudo o que eu tirar,
a metade é para você
e a outra para mim.

MULHER (*Ao público*)
Os vizinhos deram tudo,
sua ajuda, tempo, suas coisas.
Mas outros negaram-se,
cobravam pela ajuda.
Tinha que dividir
tudo que resgatavam.
Eu estava sozinha. Aceitei.

Quem está procurando reconhece um vestido.

HOMEM

Aqui morreu Marcelo. (*Entra Marcelo*)

MARCELO

Lucas! (*Chama-o. Lucas não escuta*). Lucas!

Quadro 3

*Fica a mulher dormindo de pé. Colocam nela um cobertor.
Ela acorda assustada.*

HOMEM 2

Desde que aconteceu o tremor
ela faz isso, tem medo,
tem medo de dormir.

*A mulher dorme de novo. Os outros fazem vento com os
cobertores.*

MULHER

Como era?

Em que posição estavas?

Marcelo? Era assim? Marcelo?

Você tinha os braços dobrados?

Acorda sobressaltada.

Quadro 4

A mulher retira um vestido da pilha de roupa e o veste. No fundo, está Marcelo com o torso nu.

MULHER

À uma da manhã, depois

do primeiro tremor, saímos pra

rua meu marido e meu neto, Marcelo...

A mulher e seu marido seguram o corpo desfalecente de Marcelo.

Tinha quatorze anos, acabara de

tomar banho, totalmente limpo, tinha

trocado de roupa, tudo, tudo,

chamou a minha atenção pela hora.

Entrei para procurar minhas filhas e nos

primeiros dois passos voltou o tremor...

me jogava de um lado pro

outro, caíam sobre mim os armários,

frascos, tudo... A luz

foi cortada no primeiro segundo,
cheguei ao quarto... tudo estava
no chão, armário, cômoda, móveis...
não encontrava uma porta,
uma janela, uma saída... então
chamei meu neto: “Marcelito, por favor,
filhinho, me ajude, não sei onde
estou, por favor me ajudem a sair!”
Então escutei... uma voz longe,
meu esposo.

ESPOSO

“Luchi, por aqui, por aqui!”

MULHER

E eu insisto: “Marcelito, por que não
vem me ajudar? me ajude, por
favor, não sei onde eu estou, não posso
sair”.

MARCELO

Minha vó me chama,
tenho que entrar.

MULHER

Fui me guiando pela voz
do meu marido, que já estava fora
com minhas netas. Consegui sair, fazia
frio. Assim que eu saí, caiu
tudo...

ESPOSO

Escuridão total... cheio
de poeira, as pessoas gritando pela
rua Bolívar, e eu gritava o
nome do meu filho: “Marcelito,
querido, Marcelito, onde você está?” E
os changos,¹³ os jovens gritavam:
“pro rio, pro rio”, procuravam um lugar
descampado, “pro rio, pro rio”, eu pensei
que meu filho tinha escapado pro
rio... corri como um louco, às
escuras, tropeçando, esbarrando,
caindo, eu cheguei
até aqui atrás gritando o nome
do meu filho, até as três da manhã,
três e meia, cansado de
gritar, o que me restava era
escavar para ver se o achava...
e estava ali, morto, o tirei às
dez da manhã com ajuda de um
trator...

MULHER

Tiraram o Marcelo, estava...
não o reconhecia... mas era ele...
levamos o meu neto ao hospital para
que pudessem limpá-lo, asseá-lo, mas

13 Expressão popular na Bolívia que significa jovem.

os cadáveres e os feridos estavam por toda a rua, não podiam atender dentro do hospital porque o perigo não tinha passado. Então fomos ao colégio, lá a diretora se encarregou e alguns companheiros o recompuseram, enfim. Seu pai não ficou sabendo, estava no campo, chegou quando estávamos saindo do cemitério. A partir desse momento, nos perdemos, praticamente nos perdemos.

Marcelo vai até o fundo. Outro ator cobre-o com cobertas.

ESPOSO

Fomos embora de Aiquile, não concebíamos ter perdido um menino de quatorze anos que já usava minha roupa, que já era um homem... Eu emagreci, pesava oitenta e dois quilos na época, por que ele? Por que ele e não eu?

Quadro 5

Olham as estrelas envoltos em cobertas.

HOMEM

Foi a noite mais longa...

todo mundo deitado

ao ar livre, no chão...

uma noite tão gélida,

e todos de cara pro céu...

parecia o fim do mundo

estava cheio de estrelas,

aerólitos, incrível,

uma chuva de asteróides,

quem poderia imaginar...

algo se chocava lá em cima.

Ou também tinha um tremor

no ar, no céu,

parecia que o mundo

se acabava nessa hora...

os aerólitos piussss, piussss...

nossa! Não acabava nunca...

Cena 6:

NO DIA SEGUINTE

NARRADOR

No dia seguinte chegaram:
curiosos e jornalistas,
homens com picaretas e pás,
ajudantes voluntários,
a maquinaria pesada,
bimotores preparados
para levar os feridos.
O exército chegou
para organizar acampamentos.
Chegaram autoridades.

HABITANTE

Chegaram também chacais,
mas não se distinguiam
muito dos demais.
Alguns destes chacais
tinham roupa militar.
Outros eram funcionários.
Outros, autoridades.
Ladrões comuns, poucos,
tudo estava destruído,
não tinha ficado muito
para saquear ou roubar.

Entra um jornalista.

JORNALISTA

Senhora, posso fazer
uma pergunta?

A mulher não responde.

JORNALISTA

Para o canal estatal?

A mulher não responde.

JORNALISTA

É só um minuto.

A mulher não responde.

JORNALISTA

Obrigado, muito gentil, senhora.

Aproxima-se de outro habitante.

JORNALISTA

Senhor, você vai ser o
primeiro entrevistado a aparecer em
todo o país.

O homem sorri e assente.

JORNALISTA

Você estava aqui esta noite?

O homem sorri e assente.

JORNALISTA

Teve medo, não foi?

O homem sorri e nega.

JORNALISTA

Perdeu algum ente
querido?

O homem sorri e assente.

JORNALISTA

Você sofreu danos
físicos?

O homem sorri e nega.

JORNALISTA

Sua casa foi derrubada?

O homem sorri e assente.

JORNALISTA

Como você está agora,
senhor?

O homem sorri e sacode a cabeça. Nem sim nem não.

JORNALISTA

Obrigado, cavalheiro, obrigado.

Agora vamos falar
com o médico encarregado
do hospital de Aiquile.
Doutor,
houve quantos mortos?

DOUTOR
Chegaram mais mortos do que
feridos,
a maior parte eram crianças.

JORNALISTA
Mortos?
Houve quantos mortos?

DOUTOR
A maioria crianças
de cinco, seis anos talvez,
a boca cheia de terra...
não podíamos operar
porque nossos materiais
estavam contaminados..
o outro hospital caiu,
formamos uma equipe só,
e trabalhamos aqui...

JORNALISTA
Um caso, descreva-nos um
caso.

DOUTOR

Trouxeram o Fredy Flores,
o conhecia de vista...
me disseram “por favor,
uma olhada, irmão!”
Escutava uma ronqueira
como de um bêbado, feio,
agora fico desesperado
quando escuto esse som.
Olhei e me dei conta,
“tem a traquéia quebrada,
já não se pode fazer nada”,
por isso a ronqueira,
morreu quase de imediato.
Noite terrível, longa,
para combater o frio...

JORNALISTA

Obrigado, doutor, muito
obrigado. *(Sai.)*

DOUTOR

Para combater o frio
as pessoas fizeram fogueira
entre os eucaliptos,
muitos estavam nus,
não tinham conseguido se vestir.
As avós andavam
de joelhos suplicando

para serem perdoadas...
e assim começou a amanhecer.
Todo mundo aguentava,
ninguém exibía a dor
tantos doentes, feridos,
tantas wawitas mortas,
todos chegavam aqui
com uma dor tão profunda,
que o desespero
já não entrava, não cabia.
Às vezes se ouvia um pranto,
mas era silêncio depois,
corriam as enfermeiras,
os médicos indicavam,
mas o resto era silêncio.

Impassível, lhe caem as lágrimas.

Fim do primeiro ato
SEGUNDO ATO: A BURLA

Cena 1:

○ PRESIDENTE

Música de banda. Entram pela plateia, o presidente com sua esposa, ministro, guarda-costas. Cumprimentos, sorrisos,

beijos, panfletos, confete, carinhos. Sobem no palco e cumprimentam dando as costas pra plateia. A esposa dá meia volta e suspira, seca o seu suor claramente aborrecida. Dá uma cotovelada no presidente.

NARRADOR

Um ano antes havia
campanha eleitoral,
e o futuro presidente
viajava com sua mulher...

ESPOSA

Ah, meu amor, estou farta!

PRESIDENTE

Do que, meu tesouro, do quê?

ESPOSA

Estou farta de viajar
em carretas como esta.
Se quer que eu lhe acompanhe,
consiga algo melhor.

PRESIDENTE

Fique tranquila, meu amor, tranquila
quando eu for presidente,
as coisas vão mudar.

ESPOSA

Mudar. Como?

PRESIDENTE

Vamos viajar menos.

ESPOSA

Sempre o mesmo tacanho.
O presidente argentino
tem um avião maravilhoso,
e eu de primeira dama
tenho que viajar de ônibus.

PRESIDENTE

Não se irrite, amorzinho,
lhe imploro, por favor,
você também terá
o avião que merece.

ESPOSA

Espero que não esteja mentindo.

PRESIDENTE

Como vou mentir pra você?

ESPOSA

Não me enrola, descarado.

PRESIDENTE

Quando eu menti para você?

ESPOSA

Você lembra da Mariana,
essa índia,¹⁴ a peituda?
“Minha secretária”, você dizia,
até que encontrei os dois
na mesa do seu escritório
como deus os trouxe ao mundo,
brincando de médico
que examina a enfermeira.

PRESIDENTE

A luz estava apagada.
Eu achei que era você.
Meu amor, foi um deslize.

ESPOSA

E quando voltava tarde?

PRESIDENTE

Reuniões do gabinete.

ESPOSA

Por acaso nos gabinetes

14 No original aparece a expressão *colla*, que significa indivíduo(a) mestiço(a) dos povos indígenas diaguitas, omaguacas, atacamas, quechuas ou aimaras, assentados na Puna (meseta andina) ou provenientes dela.

os ministros deixam marcas
de batom no pescoço
e arranhões nas costas?

PRESIDENTE (*Sussurrando*)
Nandito, vem aqui...

MINISTRO
Sim, meu general.

PRESIDENTE
A bruxa está insuportável.

Cochicham entre eles agarrados das mãos.

ESPOSA
Gabinete de maricas?

PRESIDENTE (*Separam suas mãos.*)
Se chegarmos a ganhar
as próximas eleições,
quero um avião presidencial.

ESPOSA
E o cheiro de whisky, o que era?

PRESIDENTE
O cheiro de whisky, amor,
era o que você tomava.

ESPOSA

Eu não sou uma bêbada.

PRESIDENTE

Bêbada não, mas você é
uma esponja e das boas.

ESPOSA

Meu primeiro copo de whisky
foi você que me ofereceu
porque queria me deixar zonga
para me arrastar para cama.

PRESIDENTE

Mas se você não ficou zonga,
acabou com a garrafa
e ficou como uma rosa.
Quem ficou bêbado fui eu.

ESPOSA

Porque tenho resistência
ao contrário de você, um copo
e começa falar merda.

PRESIDENTE

De mim, você vê só o ruim.

ESPOSA

E o que seria o bom?

PRESIDENTE

Quem coça as suas costas?

ESPOSA

Você.

PRESIDENTE

Quem coloca a loção
para seus banhos de sol?

ESPOSA

Você...

PRESIDENTE

Quem lixa seus
calos?

ESPOSA

Você.

PRESIDENTE

Quem coloca em você
bobes?

ESPOSA

Você.

PRESIDENTE

Quem lhe levou a Paris,
a Miami e a Las Vegas?

ESPOSA (*Totalmente seduzida*)

Você.

PRESIDENTE

Porque sou o presidente.

ESPOSA

Se você é presidente
é porque eu lhe ajudei. (*Bochecha com bochecha*)

PRESIDENTE

Vamos dizer que fomos
os dois,
alguma qualidade terei
para chegar tão alto... (*Saem*)

Cena 2:
DISCURSO PRESIDENCIAL

Música de banda, cumprimentos, sorrisos, colocação da faixa presidencial.

NARRADOR

Alguns meses depois
dessas conversas
o candidato ganhou.
Foi eleito presidente.
E no dia seguinte ao terremoto
chegou em Aiquile preocupado,
sem esposa e com ministro.

PRESIDENTE

Vim para compartilhar
a tristeza. Para distribuir lenços e chorar
com vocês. Vamos encontrar
soluções. O que se perdeu
vamos procurá-lo. Quem nunca
procura nunca acha. Se não encontramos
paciência, mas pelos menos
procuramos.
Temos que cortar o mal pela raiz, os
feridos serão amputados, os
resfriados receberão narizes, os que

têm fome beberão água, os
que perderam sua casa receberão
barracas, os que lamentam seus mortos
ficarão consolados com a herança.
Os carecas receberão perucas, os
sábios terão filhas burras, os pequenos
receberão saltos altos e os altos
receberão boas surras.
Aqui está o ministro da defesa
para defendê-los dos ladrões e
dos abusos. Aqui, o ministro da saúde,
bom... porque aqui há mortos
e feridos... junto com ele vocês escaparão em
caso de epidemia. O ministro do
desenvolvimento, eh, Como se chama? desenvolvimento
sustentável... está conosco...
onde merda ele está?... não, não
sei se... chegou aqui? Desenvolvimento para
se desenvolver... desenvolver tudo...
músculos, pernas, tremores, tragédias...
O general Tetera, responsável pela
defesa, está organizando as coisas.
Dividindo as ajudas, temos que
dividir tudo, um pouco para vocês
e outro para os demais, um pouco
para mim e outro para você. Para mim,
para você, para mim, para você, para mim para

mim para mim, para você.

Tirem dos entulhos tudo o que

puderem, algo pode ser recuperado...

o que serve guardem, o que não serve

dêem de presente... se ajudem que nós

vamos lhes ajudar...

Aqui estão os soldados para vigiar

de noite e evitar que haja roubos. Serão

permitidos somente roubos autorizados.

Não se desesperem, esperem, não se sintam

abandonados e sim amados.

Aqui têm um governo que trabalha

para vocês. Que está morto de

sono desde a madrugada para

resolver esta merda. Espero que seja

recíproco.

HABITANTE 1

Tudo o que o presidente

disse nesse dia, foi cumprido,

mas de que forma foi cumprido?

Falou de moradias... tivemos moradias,

mas, que moradias?

Falou de ajudas, chegaram ajudas,

mas quase nenhuma chegou aqui.

Para onde foram essas ajudas?

Falou de ladrões.

Mas não deixou claro de quais ladrões

deveríamos ter cuidado.

HABITANTE 2

As gravações mostram
o presidente comovido, impactado.
O presidente parecia
sincero, mas há sinceridades que
têm memória curta, nascem da
emoção sem atingir a ética. Duram
o tempo que cai uma lágrima.
E logo se esquecem.

PRESIDENTE

Ministro, o que aconteceu?
Chegaram os pára-quedistas?

MINISTRO

Houve um percalço,
senhor.

PRESIDENTE

O que aconteceu?

MINISTRO

Caíram sobre os cactos.
Assim que conseguirem tirar
os espinhos da bunda
estarão prontos, senhor.

PRESIDENTE

Ministro, organize você.
Deixo vocês aqui, vou embora,
o ministro vai falar.
Continuo a viagem, não me esqueço,
jamais esquecerei vocês.

MINISTRO

O presidente já disse,
o governo está presente.
Aqui tem muito por fazer.
Temos que enterrar mortos,
socorrer os desamparados,
organizar acampamentos,
alojar o pessoal,
tirar todos os escombros
e distribuir as ajudas.
Os caminhões vão ser
descarregados à vista,
para que vocês controlem
os donativos que chegam,
e evitar, desse modo
desconfianças e suspeitas.

HABITANTE 2

Por que o ministro
falava
assim desde o primeiro dia?
Parecia que sabia

o que aconteceria depois.
Porque aqui aconteceu de tudo.
Rifaram as doações,
as desviaram, esconderam,
as mudaram, as venderam.
Lucraram com a desgraça,
com a dor, a impotência.
Abusaram de mulheres
em troca de doações.

Cena 3:

ABUSOS DOS MILITARES

Quadro 1

Uma mulher observa um militar que recolhe vestidos e objetos.

MULHER

Moço, esses sapatos, por favor...

TENENTE

Lixo, é lixo. Para
que você quer isto?

Quadro 2

O tenente joga uma pasta e faz girar como um pião um copo de metal.

TENENTE

Julián Mamani.

CAMPONÊS

Presente.

TENENTE

Assine. Nome, comunidade.

O militar joga água sob o copo que gira. O camponês bebe.

TENENTE

Seguinte.

CAMPONÊS 3

Juan Morales de Hoyades.

TENENTE

E a Ernestina não veio? Você é o marido, não?

O camponês assente.

TENENTE

Por que a Ernestina não veio?

CAMPONÊS 3

Trabalhando, senhor.

TENENTE

Senhor não, tenente.

Vamos ver... Tinha sapatos aqui,

te dou um, mas o outro

Ernestina vem buscar.

CAMPONÊS 3

Mas sou seu marido,

não pode entregar para mim?

TENENTE

Por acaso você sabe assinar?

CAMPONÊS 3

Não senhor, não sei assinar.

TENENTE

Então? Como ficamos?

Se Ernestina não vem

quem vai assinar o recibo?

Quadro 3

O tenente fica sozinho. Escolhe a roupa.

TENENTE

Que merda esses índios
entendem de mulheres?
É gostosa a Ernestina.
Aqui mesmo dou uns amassos nela,
como silpancho,¹⁵ e como.
Não está mal essa jaqueta.
E a calça? Vou ficar com elas.
Para minha namorada, vejamos...
esta blusinha apertada...
vai desenhar os peitos.

Entra o capitão.

CAPITÃO

Sentido, caralho. O que está fazendo?

O tenente se coloca na posição de sentido.

CAPITÃO

Está escolhendo as roupas
destinadas às ajudas?
E esse vestido pendurado?

TENENTE

É pro coronel, senhor.
Ele mesmo separou.

CAPITÃO

Descanse tenente, descanse.

15 Prato típico boliviano, feito de carne, ovo, arroz, batata e salada.

Você estava escolhendo isto?

Vamos ver, experimente.

Joga longe a roupa, no chão.

TENENTE

Mas, meu capitão...

CAPITÃO

Experimente isso, caralho!

O tenente experimenta a saia.

CAPITÃO

Tire as calças.

O tenente tira.

CAPITÃO

Como se diz?

TENENTE

Obrigado.

CAPITÃO

Obrigado...

TENENTE

Obrigado, Aiquile.

CAPITÃO

Como?

TENENTE

Obrigado, Aiquile!

CAPITÃO

Experimente isto.

Joga a blusa no chão. O tenente a veste.

CAPITÃO

Como se diz?

TENENTE

Obrigado, Aiquile.

CAPITÃO

Quem?

TENENTE

Obrigado, Aiquile, Totor e Mizque.

O capitão coloca batom nos lábios do tenente.

CAPITÃO

Como se diz?

TENENTE

Obrigado, terremoto, obrigado.

CAPITÃO

Como?

TENENTE (*Mais forte*)

Obrigado, terremoto.

Obrigado.

CAPITÃO

Como?

TENENTE (*Grita*)

Obrigado, terremoto,

obrigado!

Quadro 4

Entra Rosita.

CAPITÃO (*Observando-a*)

Caramba, o

sol chegou...

com o frio que sinto.

ROSITA

Minha família me mandou

para pegar farinha.

TENENTE

Volte mais tarde, Rosita.

CAPITÃO

Eu mesmo vou atender a senhorita,
tenente, se retire.

TENENTE

Mas a senhorita....

CAPITÃO

Retire-se, já disse.

O tenente sai.

CAPITÃO

Venha, venha.

Como está sua família?

Rosita não responde. O capitão abraça ela.

Receberam as cobertas
e a farinha que mandei?

Rosita não responde. O capitão joga-a no chão.

Vocês são comilões. Não?

Venha, venha. E seus irmãos?

O menor continua doente?

A acaricia. Ela cai.

Venha. Lhe entregaram os remédios?

Ele ergue-a e a aperta.

E a sua irmã? Já chegou?

Você vai me apresentar?

E no acampamento, tudo bem?

As cobertas são suficientes?

Acaricia os cabelos dela.

Viram você com o tenente.

Cuidado com esse filho da puta,
metido a galã.

Cumprimente os seus pais.

A beija.

Qualquer coisa que precisarem,
estou aqui para servi-los.

Rosita não responde.

Quadro 5:

*Dois habitantes sobem um sobre o outro e espiam através
da janela, olhando para o público.*

HABITANTE 1

Porra, a Rosita e o
capitão.

HABITANTE 2

O que estão fazendo? Porra.

Me conte.

HABITANTE 1

Ele está comendo ela, ué.

HABITANTE 2

Como? Conta os detalhes.

HABITANTE 1

Ele a colocou de bruços na mesa,

a cavalo mesmo.

HABITANTE 2

E ela?

HABITANTE 1

Ela deixa.

HABITANTE 2

Como estão fazendo, como estão fazendo?

HABITANTE 1

E como quer que façam?

Como todos que trepam.

HABITANTE 2

E ele?

HABITANTE 1

Está com as calças abaixadas,
a bunda ao ar livre.

HABITANTE 2

E ela grita?

HABITANTE 1

Não, está calada, quieta.

HABITANTE 2

Uma puta a Rosita.

HABITANTE 1

Estão rolando na farinha.

HABITANTE 2

Agora é a minha vez.

Quadro 6

O capitão dá ordens, docemente. A mulher obedece.

CAPITÃO

Firme, mostre o peito,

de perfil, o cu para fora,
vamos ver, suba o peito.
Desabote este botão,
tire o ombro, mostre pernas,
cruze, descruze, de costas,
mexa a bunda, língua fora,
faz cachorrinho, porra...

Quadro 7

HABITANTE 2

Estão levando a
farinha.

HABITANTE 1

A farinha?

HABITANTE 2

A carregam num caminhão.

HABITANTE 1

Num caminhão militar?

HABITANTE 2

Não, é um caminhão comum,
a placa é de Santa Cruz.

HABITANTE 1

Hoje racionaram a
Farinha, disseram que não havia
que já não tinha mais.

HABITANTE 2

Merda, estão carregando
também, todos os geradores.

HABITANTE 1

Os doados pelos
chineses?

HABITANTE 2

E as muletas também.

HABITANTE 1

Roubam também as
muletas?

Quadro 8

NARRADOR

Acontecia assim com a ajuda.
Aqui não chegava tudo,
e daquilo que chegava
nem tudo se distribuía.

Os caminhões militares
que transportavam a ajuda,
chegavam vazios em Aiquile.
No meio do caminho,
transferiam essa carga
a outros caminhões civis.

Quadro 9

PROFESSOR

Os militares tinham
o depósito na escola.
Todos nós, professores,
fizemos uma festa para eles
por ordem do diretor.
Quando já estavam bêbados
todos, militares, docentes,
um capitão com a chave
abriu o depósito e disse:
vocês têm um minuto
para pegar o que quiserem.
Todos pra dentro, porra!
E entramos todos,
depressa, tropeçando
para pegar o que fosse
e levar para nossas casas.
Na manhã seguinte,
passada a bebedeira

confesso... me senti mal.
Eu salvei pessoas
no dia do terremoto,
mas essa noite não soube
negar, dizer que não
e mandar eles para merda
como deveria ter feito.
Claro, como eles roubavam,
queriam se assegurar
para não serem denunciados
com cúmplices no povoado.
Fomos cúmplices também.

*O capitão colocou no professor, enquanto este último falava,
um paletó, e por cima outro, amontoou roupas debaixo do
braço dele. No final, coloca a pasta na boca.*

CAPITÃO

Tranquilo. Com confiança.

*O empurra com uma palmada para fora. Ele sai pelo
outro lado.*

Cena 4:

ÊXODO

*Uma mulher avança em diagonal até a frente com um
estandarte com um vestido pendurado. Um homem atrás*

dela carrega uma mala. Diante deles ficou o professor com sua carga de roupa. Chega outro homem com uma criança de colo. Olham pra frente.

HOMEM

Fomos embora de Aiquile.

MULHER

Fomos pra Santa Cruz, não suportava mais os tremores.

HABITANTE 1

E com quem eu ia ficar, com os fantasmas? Quanto mais longe está, menos você lembra dos próprios pesadelos.

HABITANTE 2

E se os tremores voltam? Vamos embora, vamos.

Êxodo com música. Dão as costas e se afastam pro fundo numa dança sincronizada e tosca. Gritam.

HOMEM

Adeus!

MULHER

Se cuidem!

HABITANTE 1

A merda!

HABITANTE 2

Poeira!

HOMEM

Vento!

MULHER

Escrevam!

HABITANTE 1

Miguel!

HABITANTE 2

Caralho!

HOMEM

Cristo!

MULHER

Longe!

HABITANTE 1

Ar!

HABITANTE 2

Noite!

HOMEM

Fodidos!

MULHER

Volto!

HABITANTE 1

Durmam!

HABITANTE 2

Tempo!

Voltam pra frente.

MULHER

Mas não nos sentíamos bem.
Nossos filhos tinham perdido seus
amigos, nós não conhecíamos
ninguém.

HOMEM

Olha, dizem que os tremores
se acalmaram. Por que não
regressamos? Voltaremos então.

MULHER

Compramos as passagens nos
ônibus que vão para Sucre e passam por
Aiquile. Quando o ônibus parou

para jantar, descemos e nos
reconhecemos.

Retrocedem. Música e procissão. Param, se reconhecem.

HOMEM

Você voltou?

MULHER

Você aqui?

HABITANTE 1

Você regressou?

HABITANTE 2

Como foi?

HOMEM

Está voltando?

MULHER

Que alegria.

HABITANTE 1

Um abraço.

HABITANTE 2

Tinham ido embora?

MULHER

Éramos todos aiquilenses.

Voltávamos todos.

HABITANTE 1

Como depois de

tanta coisa estamos todos voltando?

Fecham os olhos e avançam.

HABITANTE 2

Disseram que vocês têm

recebido muitas ajudas.

HOMEM

Vai ser uma surpresa.

Dizem que reconstruíram tudo.

MULHER

Eram casas coloniais.

Devem ter levantado outras iguais.

HABITANTE 1

Não vejo a hora, não vejo

a hora.

HABITANTE 2

Putá Merda... como será?

Abrem os olhos e ficam mudos. Retrocedem todos, menos a mulher com o estandarte que escorrega lentamente das suas mãos.

Cena 9:

A RECONSTRUÇÃO

NARRADOR

As casas que haviam
reconstruído
eram canis, não casas.
Para cada família fizeram
quarenta metros quadrados.
Nos banheiros não se conseguia
entrar de tão pequenos que eram.
As vigas não eram vigas,
eram paus que apenas
sustentavam telhas de zinco.
O responsável, o engenheiro
que projetou as moradias
assim se justificou:

RESPONSÁVEL

Neste país, caralho,
enxergam só a superfície,
apertados, sem espaço,
se queixam sempre de tudo.

Compartilhar é o moderno.
Se depois se sentem sozinhos,
se deprimem, se angustiam
não venham se lamentar.
Não é amontoamento, ué,
as casas são pequenininhas
por um motivo social.
Em épocas de desagregação,
de falta de comunicação,
de crise da família,
convencer as pessoas
a conversarem, a dialogarem.
“Por favor, tire a perna
para eu poder me levantar”.
Assim os pais conhecem,
os problemas dos filhos.
“Reconheço esse cheiro,
esse peido foi do Pedro”,
estas casas são pequenas,
para unir as famílias.

*Enquanto fala, retiram a mesa, a cadeira e a porta que
estavam penduradas e armam um grotesco modelo de casa.
São três funcionários que mostrarão os usos dessas casas.*

FUNCIONÁRIOS

Esta casa é um
luxo, é a moda multiuso.
Vaso sanitário com mola,
para acertar o jato

onde quer que ele vá
e sua mulher não se zangue
porque a tampa está molhada.
Além disso, banheiro portátil,
onde você quiser, você caga,
se tem visitas você vai ao quintal
e sem tem cachorro volta pra casa.
Anti-sísmico também,
em caso de terremoto
se coloca como capacete.
Melhor cabeça com cocô
do que quebrar a merda da cabeça.
E durante a noite você,
quando ninguém caga em casa,
liga a televisão
e o vaso é a antena.
O teto com furos
para observar as estrelas.
E em caso de chuva, veja,
uma ducha de graça.
A última palavra em ecologia,
um hino à natureza.
Para dormir à noite
depois das orações
você deita no chão
se estica através do teto
e deixa de fora as pernas,
assim evita o mal cheiro

dos pés, e em caso extremo,
chaminé natural
para odores imprevistos.
Deixamos o piso de terra
para que seja maciozinho
e você como São Francisco,
compartilhe com as aranhas,
conviva com os ratinhos
em harmonia suprema.
O que mais vocês querem?

NARRADOR

Cobramos por cada casa
quase quatro mil dólares,
quando essas casas valiam
no máximo mil e quinhentos.
O resto repartiram entre
os funcionários e engenheiros.

FUNCIÓNÁRIO

Foi uma forma de dar
trabalho
aos pobres engenheiros
que saem da universidade.
Ou preferem que virem taxistas?

NARRADOR

Deixaram algumas casas

com o reboco acabado
em todo seu interior,
mas sem piso nem portas,
nem teto, nem janelas.
Tinham banheiros de cimento
onde não chegava a água,
só tinha um buraco.

FUNCIONÁRIO

Um modo de incentivar
a fantasia, o talento.
Quem não sonhou alguma vez
em terminar sua própria casa?
Em virar engenheiro,
decorador, arquiteto?
Deixamos as casas incompletas
como parte do programa:
desenvolver o engenho.
Chega de assistencialismo...
Além disso não havia dinheiro.

NARRADOR

Em Totorá escoraram
as casas que podiam cair.
Usaram milhares de paus
e por cada um deles
cobraram um extra,
custava vinte vezes mais

cada pau que colocaram.
No julgamento que fizeram
a empresa se justificou.

FUNCIONÁRIO

Estes paus não são
paus,
são multiuso, guardem eles,
servem de vara para pescar,
pegue o pau e vá pro rio,
e se você tiver sorte,
levará para sua esposa
uma piranha gigante,
e se praticarem esporte,
podem usá-los também.
Servem como dardo
ou como trave de futebol,
para interceptar os pênaltis.
E também na academia
como barra para flexões
desenvolve os peitorais
para compensar assim
o excesso de abdominal,
os músculos das costas
para impressionar as mulheres
e os bíceps dos seus braços
para levantá-las depois.
Não estão apodrecidos senhores,
são paus que respeitam

as normas da ecologia.
Nesta umidade habitam
dezoito tipos de insetos,
com suas larvas e suas crias.
Desta forma se enriquece
a micro fauna em Totorá.
Os animaizinhos também
têm direito à vida.

NARRADOR

Logo se descobriu
que para retirar escombros
uma empresa de caminhões
faturava ao mesmo tempo
o mesmo frete
em duas cidades diferentes.

EMPRESÁRIO

Não entendo por que
protestam,
coloquei um caminhão
de última geração
que faz o dobro do trabalho
em dois lugares diferentes,
na mesma hora ué.
Milagre da engenharia,
o caminhão super-clone.
Neste país, caralho,

não se pode investir
em novas tecnologias.

NARRADOR

Mas na zona rural,
não houve casas anti-sísmicas.
Fizeram com adobe
iguais às destruídas.

FUNCIONÁRIO

Por motivos culturais.
Para que as reconheçam
e possam se identificar, ué.

CAMPONÊS

O teto de zinco
fizeram em todas as casas
e no primeiro vento que houve
voaram as chapas.

FUNCIONÁRIO

Fizemos os tetos
leves.
Assim, em caso de sismo,
eles deslizam e não esmagam
ninguém nessas casas.

CAMPONÊS

Vigas de cimento, não
houve.

Puseram tiras de couro
no lugar dos ferros.

E essas tiras nós demos
sacrificando animais.

FUNCIONÁRIO

Regras internacionais,
natureza e progresso
andam de mãos dadas.

Materiais ecológicos,
recicláveis e baratos,
biodegradáveis, ué.

CAMPONÊS

Além disso, fizemos tudo,
carregamos os materiais,
levantamos as paredes.

De vez em quando vinha
um pedreiro e explicava
como devíamos fazer.

Nós fizemos as casas.

FUNCIONÁRIO

Parte do programa,
ué.

Que sejam protagonistas
e ajudem no que puderem.
Uma forma de se valorizar,
levantar a auto-estima.

*Colocam cordas nos objetos pendurados. O camponês a
estica com toda sua força.*

CAMPONÊS

Nas nossas
comunidades,
não tem luz nem água potável.
As águas estão se perdendo,
e com elas as plantações.
Não há como viver
aqui para nossa gente.
Muitos foram embora daqui
Imigraram para outros lugares
Argentina, Santa Cruz.
Aqui eu nasci
e aqui queria morrer,
mas não de sede nem de fome.

Cena 6:

O AVIÃO

Quadro 1

Música de banda. Entra o presidente e sua esposa de lugares diferentes comendo, em pratinhos de papel, torta de creme. A esposa procura o presidente que escapole e se esconde

NARRADOR

Voltemos ao presidente.
Ao regressar a La Paz,
com sua adorável família,
mal secou
as lágrimas de comoção...

ESPOSA (*Encontra-o e beija-o*)

Querido, é o momento.

PRESIDENTE

De que, meu amorzinho, de
quê?

ESPOSA

De comprar o avião...

PRESIDENTE

Com que dinheiro, minha
querida?

ESPOSA

Com toda a ajuda que chega,
poderia lembrar de mim...

PRESIDENTE

Um avião presidencial
com a ajuda do terremoto?

ESPOSA

E quem vai lhe controlar?
Não é você que comanda?

Quadro 2

*Entra, no ritmo da banda, o ministro cumprimentando e
com seu prato de bolo na mão.*

NARRADOR

Compraram com a ajuda
um avião presidencial.
Esse avião nunca poderia
aterrissar no campo
ou jogar medicamentos,
ou servir para resgatar
feridos graves, pessoas.
Além disso, o avião custou
o dobro do que valia.
Pagaram um extra.

E aqui passam a bola,
o presidente pro ministro
e o ministro pro presidente.

MINISTRO
Eu lhe disse, Don Hugo.

PRESIDENTE
Me disse o quê?

MINISTRO
Do avião, do extra.

PRESIDENTE
Como, teve um extra?

MINISTRO
Sim, esse dinheiro voltou,
e depois foi dividido.

PRESIDENTE
Quem dividiu o
quê?

MINISTRO
Você... a senhora sua esposa...

PRESIDENTE

Disso eu nunca soube nada.

ESPOSA

Como se atreve, malcriado?

MINISTRO

Mas se você fez o negócio.

PRESIDENTE

Qual negócio, do que você está falando?

MINISTRO

É que você não me escutou.

PRESIDENTE

Como você quer que eu escute você?
Se não dá para entender quando você fala.

ESPOSA

Você fala com a boca cheia.

Brigam. Gag clássica. O ministro enquanto grita, cospe sobre o presidente. Este quer jogar-lhe a torta de creme que acaba no rosto da sua mulher. O presidente bate no ministro com o guardanapo, o ministro lhe joga a torta de

creme. O presidente inclina-se e a torta termina novamente no rosto da esposa. Presidente e Ministro fazem esgrima com os guardanapos. A esposa bate na porta e chama o seu marido. O presidente a segue para ajudá-la, porém faz com que ela bata de novo na mesa. O presidente aproveita para roubar o prato de creme que ela não soltou ainda e foge por um lado enquanto a esposa procura-o e chama-o pelo outro.

Quadro 3

Carnaval. Música de banda. Entra dançando o funcionário da aduana. Dos lados do palco entram voando aviões de papel.

NARRADOR

Além do extra,
teve outro pequeno deslize.
O avião entrou no país
sem pagar imposto,
ou seja, em bom português,
entrou de contrabando.
O encarregado das aduanas
se justificou assim:

ADUANEIRO (*Bêbado*)

Veio em papel de presente
com um cartaz que dizia
“para minha querida esposa.”
Assinado:

“o presidente”
Como vou cobrar?

Quadro 4

Sai o aduaneiro. Entra dançando o técnico.

NARRADOR

Mas esse avião já era velho.
Sua garantia dizia
quinhentas horas de vôo,
e havia voado dez mil.
Disse o técnico que fez
a última reparação:

TÉCNICO

Esse avião? Uma carroça.
Não ia durar muito mais.
Só serve para mandar
a sogra numa viagem e esperar
que uma desgraça lhe aconteça.

Quadro 5

Sai o técnico e entram dançando, com bisnagas de água e máscaras, o ministro e o parlamentar. Jogam água uns nos outros e no público. Divertem-se.

NARRADOR

Poucos anos depois,
o avião se acidentou.
Este avião foi até hoje,
o mais caro, o mais inútil.
Por cada hora voada
foi pago um dinheirão.
E o dinheiro que se usou
era para as vítimas.
Já passaram cinco anos.
Até hoje ninguém pagou.
Nosso amigo, o ministro,
tinha imunidade.
O parlamento podia
ter lhe cassado,
mas ninguém se atreveu.

PARLAMENTAR

Irmão, eu sinto
muito,
vamos ter que lhe cassar .

MINISTRO

Por quê?

PARLAMENTAR

Por causa do avião.
Você exagerou, meu velho.
Foi muito dinheiro.

MINISTRO

Tentem me cassar.

Vou soltar a língua.

PARLAMENTAR

A língua? Sobre

o quê?

MINISTRO

Lembra daquele

dinheiro

que desapareceu em Oruro

e que vocês roubaram?

PARLAMENTAR

Foram os do IR,

meu irmão.

MINISTRO

E o rateio

que fizeram em Chuquisaca?

PARLAMENTAR

Mas isso foi há

muito tempo.

MINISTRO

Conheço sua vida de cor,

vou contar para todos
o que faz a sua senhora.

PARLAMENTAR

O que você sabe sobre o
que ela faz?

MINISTRO

Quando você vai para La Paz,
o indiozinho que fica
cuidando do teu quarto,
o soldado da porta
come a tua mulher.

PARLAMENTAR

Você não tem provas,
meu irmão.

MINISTRO (*Mostra-lhe umas fotos*)

Sua mulher é fotogênica.
Fica bem nua.

PARLAMENTAR

Irmãos, calma.

Temos que conversar melhor,
vamos pensar bem.

Vamos tomar um café? (*Saem*)

NARRADOR

Entre mafiosos se entendem.

O expediente demorou anos.

Nunca o cassaram.

Só agora seus bens

foram embargados.

Mas no campo contam

que no dia do terremoto

um camponês ouviu:

Entra um camponês. Os objetos se movem e balançam.

CAMPONÊS

Ia vir um avião,

diziam que ia vir

para resgatar todas

as pessoas do campo.

Como não encontrei ninguém

na comunidade, eu pensei

“com certeza foi o avião

que passou para resgatar,

e eu, como moro tão longe,

à pé devo fugir”.

Aí me desesperei,

acreditei que já tinha passado

o avião que iria nos salvar,

e eu tinha sido abandonado.

Cena 7:
OS POLÍTICOS

NARRADOR

A notícia do avião
foi publicada nos jornais.
Os políticos continuaram
prometendo o impossível.
Em campanha eleitoral
distribuíam presentinhos,
davam beijos nas crianças
abraçavam os velhos,
sorriam na TV.
As pessoas ficaram cansadas
de tanta promessa falsa.

Entre o público do teatro são distribuídos projéteis de papel.

POLÍTICO 1

Vai ter água potável,
internet, jogos e um monte de merda.

POLÍTICO 2

Manteremos a equipe,
Aiquile será campeã
na liga dos bobos.

POLÍTICO 3

Essa menina que nasceu
no meio do terremoto,
vou ser seu padrinho.
Um nome para lembrar,
vamos batizá-la de Sísmica.

POLÍTICO 1

Terão água, terão pão.

POLÍTICO 2

Sorvete de chocolate.

POLÍTICO 3

Terão uma pista de
esqui.

POLÍTICO 1

Uma piscina olímpica.

POLÍTICO 2

Um torneio de xadrez.

POLÍTICO 3

Um concurso de beleza.

POLÍTICO 1

Bordéis, novos bordéis.

POLÍTICO 2

Igrejas, novas igrejas.

POLÍTICO 3

Aqui vamos construir
a sede do parlamento.

O público joga os projéteis nos políticos.

POLÍTICO 1

Aqui vai morar o Papa.

POLÍTICO 2

Faremos uma represa.

POLÍTICO 3

Abriremos um Mac
Donald's.

POLÍTICO 1

Aqui ficará a Disneylandia.

POLÍTICO 2

Esta será a cidade Gótica.

POLÍTICO 3

Mas têm que votar na gente
nas próximas eleições.
Com seus votos faremos

tudo que foi prometido.
Calma, senhores, calma.
Não fiquem tão entusiasmados.
Tranquilidade, por favor,
já sabemos que vocês gostam da gente.
Que povo tão efusivo,
tanto carinho sufoca,
precisamos do seu voto,
meu nome na sua cédula eleitoral.
Putá, dói! O que estão jogando?
Lindas flores, consistentes,
mas joguem devagar.
De carinho não se morre
e muito menos se mata.
Calma, meus amigos, calma,
não vamos perder a cabeça.
Senhores, guardem seus estilingues,
as pedras doem, caralho.

Os políticos fogem.

NARRADOR

Um dia as pessoas explodiram.
Os políticos tiveram
que fugir à noite para
que não fossem linchados.
Isto que ocorreu em Aiquile,
logo aconteceu em toda Bolívia.

Houve mortos, houve feridos,
houve lutos e houve prantos.
Os que mandaram matar
fugiram do país
para não serem julgados...
E haverá mortos, haverá feridos
e outros lutos e mais prantos,
se não escutarem o clamor,
os protestos do povo.
Em Aiquile escreveram
em outra parede bem grande...

A mesa gira. Nela está escrito:

“Não existe democracia onde reina a miséria.”

Cena 8: AS PALAVRAS

Entra um homem e fala com timidez.

HABITANTE 1

As pessoas pobres quando
morrem, nem os padres tocam o
sino, assim é... Espero
que não peguem no meu pé, que não
riam de mim, à noite, todas as minhas

orações, eu costumo fazer,
peço a Deus, não que me dê um
dinheiro, mas sim que isso nunca mais
se repita... Ninguém me vê, nem me escuta.
Porque eu acho que tem gente que
tem vergonha de rezar... Deus, para
mim, é Deus, não?

Enquanto o habitante 2 fala, joga pó sobre a cena. Debaixo da mesa está uma mulher deitada com um bebê nos braços. A levantam, o habitante 1 coloca-se ao seu lado e avançam até ficar parados de frente para a janela, como o quadro no início do primeiro ato, mas empoeirados e vagamente sorridentes. Como as fotos velhas. Quem relata, tira o bebê da mulher e o leva consigo.

HABITANTE 2

Escutamos uma wawa
chorar, escutamos chorar...
é aqui, é aqui... é aqui. Era uma
casa caída, só restava uma
parede... Fizemos os tratores parar,
os helicópteros, os bimotores,
todas essas coisas. Havia um silêncio
total... À uma da tarde, um calor
sufocante... e escutamos chorar,
rapaz... puta merda, está aqui... começamos
a tirar com as mãos... quando
encontramos um pedaço de pano, escutamos
e tiramos, puxamos o pedaço de

pano... era o corpo de uma pessoa,
começamos a tirar mais, desenterramos
tudo isso e era uma mãe
que estava em cima de sua wawa,
com certeza protegeu assim a
wawita. Devemos ter demoramos
uns três, cinco minutos para tirar a
wawa porque ainda estava quentinha,
quentinha. Todos nós tínhamos
escutado a wawa chorar...
morta, roxa... mortinha segundos antes.
Não conseguimos por pouco. Ela
estava quentinha, minutos antes
escutamos ela chorar.
Aqui a maioria dos que
morreram foram crianças, sabe por
quê? As pessoas do campo trazem seus
filhos, os deixam num quartinho, deixam
uma panelinha, sua lenhazinha, seu milhinho, sua
farinhazinha para que cozinhem sua
papinha, tudo isso, e vão embora para o
campo... as crianças passam 5 dias
da semana sozinhas. No sábado ou no
domingo, as crianças que podem
vão para suas casas, voltam na segunda de
madrugada, mas no resto da semana
estão sozinhas... houve o terremoto
e as crianças estavam dormindo

e não acordaram. Por
isso morreram, ué. As crianças
têm sono profundo. Sem sua mãe,
sem seu pai... como iam acordar?

O habitante 3 colocou uma cadeira ao lado da janela. Está sentado nela. Usa a mesma indumentária do homem que falava no início do primeiro ato. O habitante 2, depois de levar o bebê, volta e continua jogando pó sobre tudo e todos. Depois pára e se apoia no encosto da cadeira. Fica imóvel.

HABITANTE 3

Nos cansamos de
falar,
de denunciar abusos.
Aqui chega todo mundo.
Psicólogos, historiadores,
turistas do terremoto,
curiosos e comerciantes.
Políticos chegam poucos.
Eles têm medo e com razão
de que joguemos pedras neles.
Não se animam para vir,
conhecemos suas mentiras.
Chegam também artistas.
Querem fazer uma peça,
uma canção, um relato.
Contem a verdade, pedimos,
nós existimos

só em seus testemunhos.
Não mintam vocês também.
Digam a verdade, não mintam.
Nos cansamos de falar.
Parece que as palavras
não funcionam mais.
Que tudo que falamos
foi levado pelo vento.
Eu tenho um sonho, senhor.
Acordo à noite
e ao meu lado estão sentados
meu pai, minha irmã, meu filho.
Morreram no terremoto.
Querem dizer algo, mas não
conseguem falar.
Eu pergunto: O que querem?
E não me respondem nada.
Então fecho os olhos.
Talvez se deixar de vê-los
poderei escutá-los ao menos.
Fecho os olhos para ver
se assim os mortos me falam...
Mas nada, mas nada.

Os mortos da foto tentam falar, mas da sua boca só sai pó sem som. A música é o funeral. A luz se apaga. Quando a luz acender, os atores estarão imóveis no quadro, mas suas posições terão mudado. Duas vezes receberão os aplausos assim. Na terceira vez, o palco estará vazio, com os objetos pendurados, que cairão de repente.

Fim

Nota ao texto

O texto da peça provém de uma fonte coletiva, e é o resultado de um longo trabalho de síntese, montagem e edição de centenas de testemunhos que recolhemos nas cidades de Aiquile e Totorá, e nas comunidades campesinas de Hoyadas, Chijmuri, Loma Larga, Chakamayú e Antakawa. Foi preciso juntar e selecionar os testemunhos, reescrevê-los, adaptá-los. Não existe nenhuma frase escrita que não tenha seu equivalente, sua origem, em algum dos relatos. O testemunho surpreendente de Michiel Verweij é um relato escrito por ele, que sintetizei e ao qual dei estrutura rítmica. Tentei, em todos os casos, respeitar o espírito dos testemunhos, não os trair. Adotei a forma métrica na maior parte dos textos, versos sem rima em estruturas de sete e oito sílabas, para dar cor às frases e direcionar a linguagem para um polo diferente do seu puro conteúdo de relato, testemunho ou denúncia. Os atores podem, assim, se apoiar nas estrofes para criar no ouvido dos espectadores uma espécie de sabor rítmico e, se a expressão for pertinente, poético.

A parte do texto que descreve os atos de corrupção tem sua fonte, por um lado, nos documentos que a Delegação Presidencial Anticorrupção, por meio de Lupe Cajías, teve a gentileza de me entregar. São documentos aos quais toda a mídia teve acesso, ainda que, por alguma razão que não compreendo, não tenham aparecido em detalhe nos jornais. A outra fonte é minha imaginação, não dos fatos, que por desgraça foram reais, mas das personagens e situações que lhes dão forma.

Há trinta anos, quando dava meus primeiros passos no trabalho teatral, fiz o que hoje se denomina teatro político, de agitação, testemunhal. Afastei-me dessas formas quando

percebi que o político, no teatro, é algo muito mais complexo, árduo e difícil do que subir no palco e declamar uma denúncia. Mesmo assim, iniciei os trabalhos desta obra com a mesma indignação e raiva que, desde essa época, já usava para denunciar a realidade. Queria também compreender se nos anos transcorridos (dois terços da minha vida) tinha apreendido a lição. Nada me aborrece mais, quando escrevo, que tentar só dar forma ao que já sei. Prefiro descobrir, através da escrita, o que não sei que sei. Desejei que essa atitude sobrevivesse neste texto às armadilhas para ursos que a descrição dos fatos reais colocava no processo da escrita. Foi uma luta árdua contra o material informativo que devia, por um lado, dar forma, e por outro, elevar a um plano diferente, de poesia, de crueldade, de ironia, de teatro em definitivo. Nisso me ajudaram os atores, ao produzirem imagens e alegorias potentes que me permitiram tomar certa distância da informação ao mesmo tempo em que eu a enunciava.

A peça acabou ficando mais longa do que o previsto. Tive que dividi-la em dois atos. O procedimento grotesco, de justaposição dos opostos, não foi possível na primeira parte. O humor dos atos de corrupção chocava sem se contrapor, de forma não dialética, grosseira, com os testemunhos das vítimas. E esses testemunhos, sintetizados, fragmentados, montados, clamavam por um espaço e um tempo de exposição. Não conseguí cortar mais, teria sido uma violência para as pessoas que abriram sua intimidade e lembraram, uma vez mais, e com imensa dor, a tragédia por elas sofrida. Por isso deixei que o primeiro ato fosse dramático, com menos ironia, sarcasmo e riso amargo do que geralmente estou acostumado. O segundo ato parece mais com o que eu considero minha sensibilidade cênica. Mas não saberia dizer qual dos dois atos amo mais.

Quero agradecer aqui, além daqueles cujos testemunhos nos deram as chaves para contar essa história, aos honestos, aos que não caíram nas fáceis armadilhas da corrupção e que, com

seus conselhos e relatos, nos ajudaram neste trabalho. Sobre-
tudo, quero agradecer aos meus atores, por sua disponibilidade,
humildade, e por me permitirem uma vez mais, tecer nos cor-
pos de carne, osso e voz, uma nova história. Este texto às vezes
antecedeu as cenas, outras vezes surgiu das cenas. As imagens
criadas pelos atores me surpreenderam, me entusiasmaram e
me obrigaram a respondê-las, a estar a sua altura.

O teatro vive e morre no presente. Dizer o presente, girá-
lo, desviscerá-lo, comprimi-lo. Deixar no crisol de uma obra,
como tentavam os alquimistas, o ouro puro, ou seja, a pura
inquietação, a trêmula luz que não deixa em paz as sombras.

César Brie

César Brie

Nascido em Buenos Aires, Argentina, em 1954. É fundador dos grupos teatrais Comuna Baires, onde trabalhou como ator, e Colectivo Teatral Tupac Amaru, onde trabalhou como dramaturgo, ator e diretor. Trabalhou com Iben Nagel Rasmussen no grupo Farfa e no Odin Teatret, onde foi dirigido por Iben e Eugenio Barba em espetáculos como: *Feridos pelo vento*; *Brisas, Gnomos e Ventos*; *Matrimoniam com Dio*; *Il Paese di Nod*, *Ulven Denis*; *Talabot*. Funda na Bolívia o grupo *Teatro de los Andes* no ano de 1991. Monta mais de quinze espetáculos, a maioria de sua autoria. Tem participado com seus espetáculos dos festivais mais importantes do mundo.



Colofão

| | |
|-------------------|---|
| Formato | 13 x 20 cm |
| Tipologia | AGaramond |
| Papel | 75 g/m ² (miolo) Alta Alvura Cartão Supremo 250 g/m ² (capa) |
| Impressão | Setor de Reprografia da EDUFBA |
| Capa e Acabamento | Gráfica Cian |
| Tiragem | 300 exemplares |